

Charles de l'Escluse (Carolus Clusius, como era conhecido por seu nome latino), vendo a importância e o valor da obra de Orta, resolveu vertê-la para o latim, língua de difusão da cultura na época, alterando-lhe a ordem dos colóquios, desfazendo a forma dialogada da edição original e acrescentando-lhe várias gravuras das plantas.

Foi a partir da obra de Clusius, que recebeu o título *Aromatum et simplicivm aliquot medicamentorum apud indos nascentivm historia* que os *Coloquios* foram conhecidos e divulgados pela Europa, sendo traduzidos para outras línguas. Em menos de um século 15 edições dos *Coloquios* comentados em língua estrangeira são publicados, sendo 6 em latim, 8 em italiano e uma em francês.

O trabalho de Orta de 1563 está constituído de 59 colóquios, onde Orta e Ruano, um médico seu amigo de Salamanca e Alcalá, conversam sobre as plantas, drogas, usos e costumes dos indianos, doenças e modo de tratá-las. Os 59 colóquios estão organizados em ordem alfabética e cada um trata de uma ou mais plantas e das mezinhas que delas podem ser feitas. Durante os diálogos entre os dois interlocutores, muitas passagens pitorescas sobre a vida dos nativos tornam a obra interessante. Mas seu grande valor advém da natureza de especialista de seu autor e dentro da especialidade sua qualidade de erudito.

Depois da 1ª edição de 1563, houve mais duas tentativas em 1841 e 1872 de reimpressão da obra, mas nenhuma logrou bom resultado. Foi, posteriormente, a Academia Real das Ciências de Lisboa que designou Francisco Manuel de Mello Breyner, 4º Conde de Ficalho, para cuidar da reimpressão dos *Coloquios* que saiu publicada em 1891 pela Imprensa Nacional de Lisboa. Nesta edição, em dois volumes, Ficalho faz algumas alterações, como: dar maior espaçamento à fala de cada interlocutor e ao final de cada colóquio apresentar notas explicativas ao texto, além de adaptações ortográficas que julgou necessárias.

Da edição de 1563 devemos ressaltar que foi a 4ª obra impressa na cidade de Goa, e a que traz o 1º poema escrito por Luiz de Camões dedicado ao amigo Garcia D'Orta.

Nosso interesse em estudar a obra de Orta se deve ao fato de ela apresentar um vasto material lingüístico-filológico que nos permite, através da organização de seu vocabulário, ter uma visão de mundo de uma época de conquistas dos portugueses e, principalmente, uma visão de mundo da cidade de Goa sob domínio português. Além disso, a obra em forma de diálogos nos apresenta uma linguagem coloquial, onde as plantas, as drogas e as enfermidades são descritas conforme as observou o seu autor Garcia d'Orta. Não há, portanto, uma linguagem científica. E o que notamos é que as descrições dadas por Orta para as plantas e drogas vêm a se constituir definições encontradas nos dicionários de língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX, principalmente nos trabalhos lexicográficos de Bluteau e Morais. Outro aspecto interessante e objeto de nosso estudo é a mudança semântica que as unidades lexicais sofreram ao longo do tempo e também as variantes lingüísticas que o texto apresenta, dificultando, muitas vezes, a sua localização nos dicionários consultados.

A partir da edição de 1891 comparada à edição original de 1563, em microfilme, organizamos um repertório lexical que foi consultado nos seguintes dicionários: 1) *Vocabulario Portuguez-Latino*, do Pe. Raphael Bluteau; 2) *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de António de Moraes Silva, em suas duas primeiras edições; 3) *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*, de Fr. Domingos Vieira; e mais os dicionários etimológicos: 1) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado; 2) *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha; e 3) *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, de Ernout e Meillet.

Para a organização do repertório lexical, analisamos cada colóquio em separado, já que entre eles não há uma relação de continuidade, consultando unidade por unidade, isoladamente e contextualizada. E isto porque a forma de expressão de muitas unidades na língua portuguesa atual não guarda a mesma realidade semântica de outra época.

Para esta comunicação, selecionamos as unidades lexicais designativas de algumas plantas que têm propriedades narcóticas e estimulantes, de uso freqüente na Índia, extraídas de 3 colóquios: *Coloquio Octavo do Banguê*; *Coloquio Vigésimo Da Datura e Dos Doriões* e o *Coloquio Quadragesimo Primeiro Do Amfiam*. Estes colóquios tratam das plantas usadas pelos indianos como conciliadoras do sono e estimulantes sexuais.

Ao falar de uma planta, Orta costuma, para descrevê-la, compará-la a alguma outra, ampliando com isso o vocabulário que pode ser extraído do texto. Como não há uma terminologia científica para classificá-las, a descrição por comparação é o meio mais fácil de poder conhecê-las.

Começando pelo *Coloquio Octavo Do Banguê*, verificamos que a unidade lexical "banguê" não está dicionarizada em Bluteau e Moraes; aparece apenas em Vieira como: "Nome vulgar indiano da *cannabis indica*, que se prepara por meio de siccação para uso dos fumadores". Vieira registra também que o "banguê" vem do árabe "bang" e equivale a "meimandro". Esta unidade, no entanto, está registrada em Bluteau e Moraes e, especialmente em Bluteau, está descrita com as mesmas propriedades que Orta apresenta para a planta. Por comparação Ruano diz: "Esta semente parece a do linho *alcanave*..." (1891, vol. I: 95). Orta usa "alcanave" ou "alcanave", formas variantes dicionarizadas e que significam, conforme Moraes: "Especie de linho louro". É interessante que Moraes abona sua definição com os *Coloquios* de Orta.

Com as folhas de "banguê" e a semente faz-se uma bebida que "serve para embebedar & estar fora de si". Com relação a isso, Orta usa de substantivos e adjetivos que qualificam homens e mulheres que da bebida fazem uso. Assim, o homem fica "prazimenteiro" e as mulheres "graciosas" e fazem "choquarerias". O adjetivo "prazimenteiro" não está dicionarizado; registram os dicionários "prazimento" com o significado de "consentimento, querer, aprovação" (Moraes). Pelo contexto, cremos ser a forma "prazenteiro" que significa "alegre, festivo". Já "choquareria",

registrada em Bluteau e Morais “chocarrería” que significa “chocarrice, chança grosseira, graçolas, dittos de caturras, bufonarias”, refere-se às mulheres quando pretendiam conquistar algum homem. Para os homens Orta diz: “...pera ajudarse a comprazer ás mulheres” (1891, vol. I: 96) ou como no colóquio que veremos adiante “pera obra de Venus aproveita” (1891, vol. I:171).

O *Coloquio Vigésimo* trata da “datura” e dos “doriões”; mas apenas nos ocuparemos da primeira por ser uma planta narcótica. Segundo Silva Carvalho (1934:109), biógrafo de Orta, o uso da “datura” era muito comum em Goa. As mulheres, muitas vezes, embebedavam seus maridos com “datura” para poderem agir mais livremente.

É importante ressaltar que Bluteau e Morais não registram a forma “datura”. Somente conseguimos localizá-la através do dicionário etimológico de Machado que nos remete a duas formas variantes “dutura” e “dutrô”; esta última, por sua vez, está em Bluteau. Vieira registra ambas as formas e Morais, curiosamente, não registra nenhuma delas. Bluteau define: “He huma erva da India, a qual lança de si huns pomos, que embebedão muito, & tão que a pessoa, a que se dá ou em vinho, ou em agoa, ou no comer, por espaço de vinte & quatro horas, se não levanta nem está em seu acordo”. A definição de Bluteau segue *pari passu* a informação de Orta. É importante destacar que Bluteau não cita Orta em nenhum momento, muito provavelmente por ter sido o nosso autor condenado pela Inquisição de Goa e Bluteau ter sido qualificador do Santo Ofício. Ao contrário de Morais que não cita Orta na relação dos autores portugueses que formaram o *corpus* de referência para o seu dicionário, mas cita Orta em inúmeros verbetes abonando os exemplos.

Para curar a bebedeira Orta recomenda um “cristel”, um “vomitivo”, “ventosa”, “ligatura” e “sangria” no artelho. Destes procedimentos médicos a “ligatura” ou “ligadura”, a “ventosa” e a “sangria” eram empregados em casos graves e tinham por finalidade expulsar os humores do corpo. Assim a “ventosa” é conhecida como um instrumento, ou seja, “um vaso de metal, ou vidro, cujo ar inteior se rarefaz por meio de huma estopa queimada, e applicando-se pela boca á carne prende nella, dilatando-se o ar interno do corpo, por achar menos resistencia no da ventosa” (Morais). Já a “sangria”, prática bastante usada, é “incisão feita na veia, ou arteria para se soltar o sangue do corpo” (Morais).

Como já mencionamos anteriormente, Orta, em seu texto, toda vez que define alguma planta o faz por comparação com outras. Assim a “datura” tem a folha “a feiçam de branca-ursina” (1891, vol. I :297) que é uma “erva assim chamada, porque a alguns pareceo, que sua folha tem alguma semelhança com a mão, ou pè do Urso (...) He esta planta emolliente, resolutiva, & usada em ajudas, & cataplasmos”, descrita por Bluteau e Morais, e “a frol que naçe pellos ramos, he como rosmaninho na cor” (1891, vol. I:297). Desta forma, o texto de Orta se torna um texto rico, apresentando um repertório lexical muito grande sobre as plantas.

Para indicar ainda algumas qualidades da “datura” diz “que he fumosa esta erva, com alguma venonisidade” (1891, vol. I :297). Quanto ao adjetivo “fumosa”,

refere-se, muito provavelmente, ao cheiro da erva quando está em cozimento. Quanto à “venonisidade”, cremos que houve erro tipográfico já que o texto de Orta fala da qualidade venenosa da planta. A forma deve ser, portanto, “venenosidade”, como dicionariza Bluteau.

Finalmente, temos a 3ª e última planta, bastante conhecida e usada na Índia. É o “amfiam” ou “opio”. Já no título do *Coloquio Vigésimo Primeiro* Orta diz: “Do amfiam dito corrompidamente porque o seu nome he opio” (1891, vol. II:171).

O “amfiam” está dicionarizado desde Bluteau e é o nome dado na Índia ao ópio. A definição de “amfiam” só é encontrada na entrada “opio” dos dicionários. Morais o define como “o sumo das dormideiras, ou a lagrima naturalmente destilada dellas, que é veneno, ou remedio segundo as doses”. É esta a definição de Orta: “Nam he mais que a guoma das durmideiras, o qual eu soube em Cambaiete” (1891, vol. II: 174). O substantivo feminino plural “durmideiras” é definido por Morais como: “Herva vulgar, hortense, ou campestre; dá-se entre os pães, concilia sono; há dellas varias especies” (*papaver*). Orta diz desconhecer a “durmideira preta” mencionada por Ruano. Desconhecia Orta que a espécie negra é a da papoula, informação dada por Bluteau.

Segundo Orta o sumo é usado com constância, mas em doses pequenas pelos indianos. Esta informação está registrada em Bluteau. Como diz Orta: “Faz os homens que a comem andar dormindo; e dizem que o tomam pera nam sentir o trabalho” (1891, vol. II: 171).

Orta informa ainda que o “amfiam” não é usado para “deleitaçam carnal”, porque a droga faz, às vezes, efeito contrário. Diz nosso autor a Ruano: “Eu vos direy pera que aproveita, se me derdes licença, porque a materia não he muyto limpa em especial dita em portugues” (1891, vol. II:171). O sintagma “deleitaçam carnal”, já dicionarizado, se refere aos prazeres sexuais. À época dos *Coloquios*, a palavra “sexo”, vindo do grego por via culta latina, não era empregada. Tratar desses assuntos não era prática muito honesta, conforme Orta diz a Ruano: “E bem se que isto o entendeis muyto bem, mas se o escreverdes em romance, não parecerá practica muito honesta” (1891, vol. II: 172).

Segundo Ernout e Meillet a palavra latina “sexus-us” tinha uma equivalente neutra “secus”, do verbo “secare”, significando “cortar, recortar”, que era empregada sempre com adjetivos “uirile” ou “muliebre”. Os dicionaristas deixam em dúvida se “sexus” estaria no mesmo grupo da palavra “secus” de “secare”. Quanto à data do emprego da palavra “sexo” em português, Cunha a registra em 1572 e, portanto, posterior aos *Coloquios*.

O “amfiam”, segundo Orta, possui duas virtudes, no caso da “deleitaçom carnal”: a “vertude imaginativa” e a “vertude espulsiva”. Entenda-se “virtude” com o seguinte significado: “He aquella facultade ingenita em todos os corpos, & potencias naturaes, para produzir os effeitos e operaçoens que dependem das suas propriedades e qualidades”(Bluteau).

Cabe aqui uma informação importante. Observamos que Orta usa, na grande maioria das vezes, a unidade “amfiam” em lugar de “opio”. Informa o nosso autor que a forma “amfiam” usada pelos portugueses na Índia, é a forma corrompida de “afiom” ou “ofiom” dos árabes que, por sua vez, a trouxeram do grego “ópion”, significando “sumo das dormideiras”. Machado, ao fazer nota remissiva de “amfiam” para “opio”, diz que no início do século XVI a forma “amfiam” usada por Duarte Barbosa (1516) em seu *Livro em que se dá relação do que viu e ouviu no Oriente*, pode ser considerada um neologismo, já que a forma mais usual era “opio”.

Para concluir, transcrevemos as palavras do Conde de Ficalho que, com precisão, marca o lugar de Orta no quinhentismo português:

“No brilhante grupo de prozadores portuguezes quinhentistas, que se occuparam exclusiva ou mais especialmente das cousas orientaes, como Duarte Barbosa, Gaspar Corrêa, Castanheda, João de Barros, Fernão Mendes Pinto, Diogo do Couto e varios outros; n’esse grupo brilhante o nosso Garcia da Orta tem um lugar á parte e muito distincto. O seu livro desapparecendo, deixaria uma lacuna sensivel. Na harmonia, que une aquelle conjuncto de escriptos notaveis, faltaria uma nota que só elle deu, uma feição que só elle teve” (1983: 281).

Referências bibliográficas

- BLUTEAU, P. R. (1712) Vocabulario Portuguez-Latino. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu..
- CONDE DE FICALHO.(1983) Garcia da Orta e o seu tempo. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- CLUSIUS, C. (1963) Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud indos nascentium historia. Ed. fac-similada. Amsterdam: Nieuwoop B. de Graaf.
- CUNHA, A. G. da (1986) Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira
- ERNOUT, A. et MEILLET, A. (1951) Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine. 3ª ed. Paris: Librairie Klincksieck.
- MACHADO, J. P. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. (1967) 2ª ed. Lisboa: Editorial Confluência.
- MORAIS SILVA, A. Diccionario da Lingua Portugueza. (1789) Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- MORAIS SILVA, A. (1813) Diccionario da Lingua Portugueza. Lisboa: Typographia Lacerdina.
- ORTA, G. d’. Coloquios dos Simples e Drogas da India. (1891) Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVA CARVALHO, (1934) A. Garcia d’Orta. Revista da Universidade de Coimbra. vol 12, p.61-246.
- VIEIRA, Fr. D. (1871) Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza. Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes.